

“A ‘Jurema’, Alucinógeno Indígena, na Literatura de José de Alencar”

Alcebíades Viana de Paula *

José Elias Murad **

“Sopro de simpatia irresistível fez das obras do romancista admirável uma delícia para a alma brasileira”.

Raimundo Girão

Uma série de observadores do século passado, botânicos, médicos, etnólogos e principalmente o grande romancista José de Alencar, com sua literatura privilegiada, impressionaram a intelectualidade brasileira sobre uma planta do Nordeste, a *Jurema*, que foi usada pelos indígenas em libações cerimoniais, além de continuar a figurar nas práticas de medicina popular e de ritos religiosos na região. Atualmente, a planta

(*) Professor-Assistente de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

(**) Professor Titular de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e Professor de Farmacodinâmica da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

é estudada sob o ponto de vista científico. Entretanto, foi, principalmente, uma obra literária do século passado, o romance indianista de José de Alencar, *Iracema* (1865), que chamou a atenção dos estudiosos para a referida planta. No presente artigo, pretendemos apenas relatar, de forma sumária, este interessante capítulo da farmacologia histórica brasileira. Passados mais de cem anos do imortal poema-romance *Iracema*, é justo que se comparem os dados das pesquisas e os frutos da ideação do magnífico poeta, tendo em mente, em primeiro lugar, que o grande escritor foi um erudito e um curioso previsor dos conhecimentos, que, mais tarde, seriam descritos, pelas observações científicas.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Uma das primeiras referências à utilização da *jurema* foi a do livro de viagens de Henry Koster (1817). A copiosa referência de trabalhos antigos sobre o assunto pode ser vista nos artigos de Gonçalves de Lima⁽⁸⁾, Oliveira⁽¹⁶⁾ e Costa⁽⁵⁾.

São designadas com o nome popular de *juremas* diversas mimosóides próprias da flora do Nordeste brasileiro, pertencentes aos gêneros *Mimosa* e *Pithecolobium*. A identificação da espécie alucinógena foi feita, por assim dizer, paralelamente aos estudos antropológicos. No interior do Estado de Pernambuco, permaneceu, até data recente, um grupo indígena que fazia uso da planta. Em 1930, neste reduto, entre os índios Pancaru, C.E. de Oliveira⁽¹⁵⁾ documentou a utilização da beberagem. Cerca de uma década após, Gonçalves de Lima⁽⁸⁾ tornou a fazer observações entre os mesmos índios, tendo coletado espécimes vegetais, que, com a colaboração do botânico Dalmo de Oliveira, foram identificadas como *Mimosa hostilis Benth*, vulgarmente denominadas *jurema preta*. Gonçalves de Lima⁽⁸⁾ constatou também que um alcalóide, a nigerina, por ele isolada da planta, possuía propriedades alucinógenas. Finalmente, Pachter e col.⁽¹⁷⁾, em 1959, conseguiram isolar das cascas da planta um alcalóide com as características semelhantes às da nigerina, e cuja estrutura foi determinada como sendo a N,N-dimetiltriptamina (D.M.T.).

Outros estudos farmacológicos sobre o vegetal, os extratos e os alcalóides, foram feitos por Cavalcanti⁽⁴⁾, Mello⁽¹¹⁾, Melo e Bandeira⁽¹⁰⁾, Moussatché e cols.⁽¹³⁾, Paula, Sarsur Neto e Murad⁽¹⁸⁾ e Moussatché e cols.⁽¹⁴⁾

Sob o ponto de vista etnológico verificou-se que o uso da *jurema* é um traço cultural Cariri ou Gê, visto que os usuários da mesma foram, segundo Schultes⁽¹⁹⁾, os Cariri, os Tuchá (do grupo Cariri), os Guegue, os Acroá e os Pimenteira (do grupo Gê). Outrossim, Gonçalves de Lima⁽⁸⁾ observou que, além dos Pancaru, faziam uso da *jurema* os Fulniô (Gê) e os Potiguar da Baía da Traição, do grupo Tupi, sob influência de tribos vizinhas. *Jurema* é um nome do idioma Tupi. Os índios de outros grupos tinham denominações próprias para a mesma bebida. Em espanhol é utilizada a denominação *yurema* e, em inglês, freqüentemente, o termo "yurema drink".

Existe grande interesse em se verificar os efeitos dos alucinógenos, quando utilizados pelos primitivos. No que se refere à *Jurema*, esta documentação, de alto significado, foi feita pelo etnólogo Curt Nimuendaju, citado por Lowie⁽⁹⁾, que, em 1938, descreveu os efeitos do uso da infusão entre os Cariri. Os índios, sob o efeito da bebida, enxergavam "gloriosas visões do espírito da terra, com flores e pássaros", ou vislumbravam "pedras ressonantes que destruíam os espíritos itinerantes da morte", ou enxergavam "a ave-do-trovão, soltando relâmpagos de um enorme topete na cabeça, que produziam estrondos ao redor". Também os Pancaru, segundo Carlos Estevam de Oliveira⁽¹⁵⁾, pretendiam ter experiências místicas semelhantes.

A JUREMA NA OBRA DE ALENCAR

Como é do conhecimento geral, José de Alencar (1829-1877) foi um dos mais famosos, eruditos e fecundos escritores da literatura brasileira. Contribuiu para a inauguração da Escola Romântica e do Movimento Indianista da literatura brasileira. Entre as suas principais obras figuram *Iracema*, poema em prosa sobre a primitiva colonização do Estado do Ceará, e *O Guarani*, romance histórico, que foi adaptado por Carlos

Gomes à célebre ópera, que leva o mesmo nome. *Iracema* conta com numerosas edições em português, cerca de uma centena, no Brasil e em Portugal. As nossas referências serão sobre a Edição do Centenário.⁽¹⁾ Existem traduções em vários idiomas, a saber: castelhano, latim, árabe, alemão, francês e duas versões em inglês, consideradas, todavia, raridades bibliográficas, com exceção de algumas traduções em espanhol.

Anexo a *Iracema*, acrescentou o romancista anotações ou observações explicativas. A propósito da *jurema* informa: “árvore meã, de folhagem espessa; dá um fruto excessivamente amargo, de cheiro acre, da qual, juntamente com as folhas e outros ingredientes, preparavam os selvagens uma bebida que tinha o efeito do haxixe, de produzir sonhos tão vivos e intensos, que a pessoa sentia com delícias e como se fossem realidades as alucinações da fantasia excitada pelo narcótico. A fabricação desse licor era um segredo explorado pelos pajés, em proveito de sua influência. *Jurema* é composto de “ju”, espinho, e “rema”, cheiro desagradável.

Muito se pode comentar sobre a breve definição: o acerto em não se designar a espécie, o que seria depois pesquisado; a comparação com o haxixe, clássico alucinógeno, quando utilizado em doses elevadas; a felicidade do conceito “alucinações agradáveis da fantasia”, visto que “alucinógenos ou drogas fantásticas” seriam os termos da farmacologia, em uma antevisão do futuro.

Na referida anotação, o escritor menciona que a bebida seria preparada com os “frutos”, ou seja, com as vagens, como, aliás, consta das informações antigas de Costa⁽⁵⁾, sabendo-se, também, que a bebida se pode preparar das cascas ou raízes.

Sob forma literária, o artista imaginou a bebida como “verde licor”, em vez da cor “vermelha e espumosa”, como era de fato. Ignorando, provavelmente, a verdadeira aparência da bebida, o escritor pôde escolher uma figura poética. Aliás, outro escritor, Ariano Suassuna⁽²⁰⁾, que também versou sobre a *jurema*, porém, mais recentemente, teve de compor uma cor, misto de ficção e verdade, a cor “verde-vermelha”, para o vinho selvagem.

“A fabricação desse licor era um segredo explorado pelos Pajés, em benefício de sua influência.” Com esta frase adotou Alencar o conceito tradicionalista de interpretar-se os fatos culturais. O grande escritor devia acreditar na influência malévola dos sacerdotes indígenas, como se admitia, idéia evidentemente equívoca, sob o ponto de vista estritamente etnológico.

Quanto à etimologia da designação *jurema*, da língua Tupi, Alencar adotou a versão por ele mencionada. É conveniente lembrar, contudo, que o traço cultural do uso da bebida não foi originariamente Tupi. No romance, os Tabajaras, indígenas Tupi, faziam uso da planta. Em realidade, muitos anos depois, Gonçalves Lima⁽⁸⁾ demonstrou a utilização do “narcótico” pelos remanescentes dos Tupi, os Potiguar, sob a influência de outras tribos.

Descrivendo a hipotética cena da libação ritual pela *jurema*, já no texto do célebre romance, assim se refere o poeta:

“Vem Iracema com a igaçaba cheia do verde licor. Araquém (o “pajé”, sacerdote indígena) decreta os sonhos a cada guerreiro e distribui o vinho da *jurema*, que transporta ao céu o valente Tabajara. Este, grande caçador, sonha que os veados e as pacas correm ao encontro às suas flexas para se transpassarem nelas; fatigado por fim de ferir, cava na terra o bucã e assa tamanha quantidade de caça, que mil guerreiros em um ano não acabariam. Outro, fogoso em amores, sonha que as mais belas virgens tabajaras deixam a cabana de seus pais e os seguem cativas de seu querer. Nunca a rede de chefe algum embalou mais voluptuosas carícias do que ele fruiu naquele êxtase. O herói sonha tremendas lutas e horríveis combates, de que sai vencedor, cheio de glória e fama. O velho renasce na prole numerosa, e, como o seco tronco donde rebenta nova e robusta sebe, ainda cobre-se de flores. Todos sentem a felicidade de tão viva e contínua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas”.⁽¹⁾ (pág. 90).

Nesta formosa descrição verifica-se que os indígenas são levados ao estado alucinatório. É mencionada, aliás, a palavra "sonho". E cada guerreiro tem a visão (alucinações visuais) que deseja, de caça, de lutas e de volúpias. Até ilusões quanto ao espaço e ao tempo; os animais correm ao encontro das flexas, os velhos renascem. Há euforia, e também sensações desagradáveis, "dos terríveis combates".

Em outro tópico do romance, o herói, Martim, após beber, sentiu um estado de exaltação, assim descrito: — "o gozo era a vida, pois o sentira mais forte e intenso, o mal era sonho e ilusão."

Sobre o estado onírico, a que levam os alucinógenos, Alencar forneceu descrições igualmente sugestivas: após ter ingerido o suco da *jurema*, o guerreiro viveu o idílio com a bela indígena; mas, uma vez acordado, sentenciou: "os beijos de Iracema são doces no sonho e o guerreiro branco encheu deles a sua alma. Na vida os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da *jurema*". Uma era a realidade, a vida consciente; outra, a perturbação onírica causada pela droga.

Aliás, um dos sutis comentaristas do grande escritor, José Valdivino⁽²¹⁾, afirma que Martim, o herói da epopéia alencarina, passou a viver como em estado oniróide após a ingestão do misterioso licor, "o guerreiro branco sonhava quando Tupã abandonou sua virgem", isto é, quando se celebrou o conúbio entre os dois amantes. Outro comentarista, Braga Montenegro⁽¹²⁾, também é acorde em admitir o cuidado que o escritor teve para comunicar a idéia de que o herói esteve sucumbido, não só pela paixão, mas pela influência tóxica da planta.

Em diversas outras passagens de *Iracema*, e também em *O Sertanejo*, Alencar tece suas descrições sóbrias e sugestivas sobre a ação do vinho indígena. Em *O Sertanejo*, alude o romancista ao poder alucinatório da bebida: "Mas ouvia-lhe a voz harmoniosa, e bebia-lhe nos olhos a beleza, que embriagava como o suco da *jurema*, da qual provara uma vez" (2) (pág. 286).

É curioso assinalar que na época em que o escritor viveu, no Nordeste brasileiro, houve um episódio de violências, em

1836, correlacionado com o uso da beberagem. Foram os acontecimentos de fanatismo, denominados do "Reino da Pedra Bonita", muito comentados por estudiosos da história e do folclore da região. Câmara Cascudo⁽³⁾ informa que, na ocasião, fanáticos fizeram uso da bebida, uma mistura de duas plantas tóxicas, *jurema* e *manacá*, e excitados, praticaram os mais revoltantes atos de brutismo, selvageria e sexualidade. Estes episódios, certamente, deverão ter contribuído para ampliar o conceito de que a *jurema* seria um poderoso excitante, capaz de impelir o indivíduo ao crime e libidinagem. Este conceito, por sua vez, é muito difundido, principalmente entre alguns escritores e leigos, de um modo geral.

Entretanto, nos romances de Alencar, a *jurema* não está correlacionada com a criminalidade, e, se o tóxico leva ao estímulo da sexualidade, não é por ser um simples afrodisíaco, mas um potente "narcótico indígena", capaz de levar aos distúrbios da consciência, percepção e personalidade.

Outro escritor insigne, Euclides da Cunha⁽⁶⁾, em *Os Sertões*, além de conceituar a planta como alucinógena, acrescenta a opinião de que a bebida seria revigorante. São suas as palavras: "as *juremas* prediletas dos caboclos, seu haxixe capitoso, fornecendo-lhes grátis inestimável beberagem que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito em filtro mágico." (pág. 47). Esta e outras informações de escritores mais antigos testemunham que as *juremas* eram recursos supletivos da alimentação normal, por ocasião das fortes secas.

Alguns críticos irredutíveis da obra alencarina, como se sabe, foram incorretos nas apreciações do escritor, quanto aos fatos etnológicos. Não permitiam as mínimas diversificações das minúcias dos tratados. Todavia, o romancista não escreveu apenas uma informação sobre tradições indígenas, mas uma obra de arte. Como artista, transcendeu-se em belas figuras literárias, somente capazes de ter existência graças à sua imensa capacidade criativa. Mas, como erudito, conhecedor das tradições e do panorama científico de sua época, soube ser, antes de tudo, criterioso e metuculoso em suas observações.

RESUMO

Os autores focalizam a obra literária de José de Alencar, principalmente o famoso romance *Iracema*, publicado em 1865, em que o romancista faz inúmeras considerações sobre a *jurema*, planta da qual determinados indígenas preparavam uma bebida alucinógena, o chamado "vinho da jurema". É feito um estudo sobre as descrições do célebre romance e os dados da Farmacologia, concluindo-se que o literato foi preciso e objetivo, permanecendo ainda a sua obra com interesse para os estudiosos das plantas e substâncias psicoativas. É lembrado este capítulo da Farmaco-história brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) ALENCAR, J. DE — *Iracema*. Ed. do Centenário, Liv. J. Olympio Ed., Rio, 1965.
- 2) ALENCAR, J. DE — *O Sertanejo*, 9.^a ed., Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1964.
- 3) CASCUDO, L. DA C. — *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Inst. Nac. do Livro, Rio, 1962.
- 4) CAVALCANTI, R.R. DE O. — *Contribuição ao estudo toxicológico e farmacológico da jurema preta*. Tese, Recife, 1950.
- 5) COSTA, M. — *Ensaio de Matéria Médica e Terapêutica*. (Rio, 1878, reimpresso) *Rev. de Flora Medicinal*, 14, 477-480, 1947.
- 6) CUNHA, E. DA — *Os Sertões*, 10.^a ed., Liv. Francisco Alves, Rio, 1927.
- 7) GIRÃO, R. — *Ecologia de um poema*. Clã, *Rev. de Cultura*, 27, 19-51, 1965.
- 8) LIMA, O.G. DE — *Observações sobre o vinho da Jurema utilizado pelos índios Pancaru de Tacaratu (Pernambuco)*, *Arq. Inst. Pesq. Agron.*, 4, 45-81, 1946.
- 9) LOWIE, R. E. — *The Cariri*, in *Handbook of South Am. Ind.*, *Bur. Am. Ethnol. Bull.*, (143), 1, 358-361, 1946.
- 10) MELO, A. C. DE e BANDEIRA, J. A. — *Contribuição ao estudo químico e farmacológico do alcalóide da jurema preta*. *An. Fac. Med. Un. Recife*, 2, 9-34, 1961.
- 11) MELLO, E. DE A. — *Contribuição farmacognóstica para o estudo das juremas*. *An. Fac. Med. Univ. Recife*, 15, 33-39, 1955.
- 12) MONTENEGRO, B. — *Iracema, um século*. *Rev. Acad. Cearense de Letras*, 34, 5-31, 1965.

- 13) MOUSSATCHÉ, H.; PEREIRA, N.A. e MARINS, I.C. — *Alguns dados farmacológicos de um alcalóide indólico extraído das cascas da jurema preta*, An. Ac. Bras. Ciências, 34, pág. XXI, 1962.
- 14) MOUSSATCHÉ, H.; CARLINE, E.A. e SANTOS, M. — *Behavioral effects of N, N-Dimethyltryptamine in rats and mice*, Rev. Bras. Biol., 4, 482-489, 1970.
- 15) OLIVEIRA, C.E. DE — *O ossuário da gruta do Padre de Itaperica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas no Nordeste*, Bol. Museu Nac., 14 a 16, 165-167, 1938.
- 16) OLIVEIRA, E. — *Notas sobre a jurema*. Rev. de Quim. e Farm., 12, 31-35, 1947.
- 17) PACHTER, I.J.; ZACHARIAS, D.E. e RIBEIRO, O. — *Indol alkaloids of Accer sacharinum (the silver maple), Dictyloma incanescens, Piptadenia collbina and Mimosa hostilis*. J. Org. Chem., 24, 1285-1288, 1959.
- 18) PAULA, A.V. DE; NETO, J.S. e MURAD, J.E. — *Propriedades psico-farmacológicas do extrato de jurema preta (Mimosa hostilis Benth.)*. Rev. Farm. Bioq., 3, 37-57, 1973.
- 19) SCHULTES, R.E. — *The place of ethnobotany in ethnopharmacologic serch for psychotomimetic drugs*. H.D. Efron., editor, U.S. Dep. of Heath, Washington, pg. 33-58, 1967.
- 20) SUASSUNA, A. — *Romance d'A Pedra do Reino*, 2.^a ed., Liv. J. Olympio Ed., Rio, 1972.
- 21) VALDIVINO, J. — *A ilnhagem de Alencar em "Iracema"*. Rev. Acad. Cearense de Letras, 34, 31-47, 1965.